

## Contemplação poética e espiritualidade do cuidado: Aproximação teopoética à poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen

Ceci M.C. Baptista Mariani<sup>1</sup>

**Resumo:** A Teopoética, campo de conhecimento relativo à interface entre literatura e teologia é um campo relativamente novo, mas que tem tido um desenvolvimento significativo no Brasil, nos últimos 30 anos. Essa aproximação entre religião e literatura é compreensível na medida em que se pressupõe que as espiritualidades e tradições religiosas não se estabelecem fora da linguagem. A linguagem é, afirma Gesché (2003), o lugar (*topos*) onde a realidade se entrega a nós e, por isso, a primeira questão da teologia. A teologia atual vai entender que a questão de Deus se coloca no terreno concreto da experiência linguística onde nasceu. Além disso, é importante considerar para a relação entre a teologia e literatura que a teologia conta com uma noção “alargada” de razão, proporcionada ao seu “objeto”, o Mistério. Própria da teologia, afirma Clodovis Boff em sua obra *Teoria do Método Teológico*, são a racionalidade de “conveniência” ou “persuasiva” e a racionalidade “demonstrativa” ou “necessitante”. A primeira evidencia a harmonia entre a lógica divina e a humana. É a lógica que afirma a verdade pelo reconhecimento da beleza: “é bastante belo para ser verdadeiro”. É a lógica que se adequa às grandes questões humanas e supera a racionalidade silogística. A segunda diz respeito às questões relativas à natureza interna das verdades da fé. Faz uso de argumentos dedutivos. As asserções relativas à Revelação só podem ser objeto de argumentos de conveniência e as questões relativas à natureza interna das verdades de fé podem ser, mas não sempre, objetos de argumentos necessários, apodícticos ou demonstrativos. Isso quer dizer que a teologia é em primeiro lugar poética. No âmbito da epistemologia teológica a razão intuitiva precede a razão demonstrativa. A poesia, tem-se constatado, torna possível dar expressão à experiência mística que se encontra fora dos limites da linguagem. Esta comunicação *parte de uma pesquisa em andamento, tem como tema a relação entre contemplação e espiritualidade do cuidado nos versos da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004)*. Através de metodologia bibliográfica exploratória, queremos propor uma aproximação teopoética à obra dessa autora, destacando para essa comunicação o livro *Poesia* de 1944, primeiro livro publicado por essa autora. Trabalhamos com a hipótese de que a poesia contemplativa dessa poeta, composta a partir de uma relação fundamentalmente corpórea com o universo, contém elementos místicos que se desdobram numa espiritualidade do cuidado com o mundo.

**Palavras-chave:** Mística; poesia; contemplação; cuidado, Sophia Breyner.

### INTRODUÇÃO

A aproximação entre religião e literatura é compreensível na medida em que se pressupõe que as espiritualidades e tradições religiosas não se estabelecem fora da linguagem. A linguagem é, afirma Gesché (2003) o lugar (*topos*) onde a realidade se entrega a nós e, por isso, a primeira questão da teologia. A pergunta pelo que o humano experimenta e quis dizer, e como os traços dessa experiência aparecem na linguagem enquanto conhecimento que coloca a pergunta sobre Deus, deve ser o ponto de partida da reflexão teológica. A teologia

<sup>1</sup> Doutora em Ciências da Religião. Membro do corpo docente permanente do PPG em Ciências da Religião da PUC-Campinas. São Paulo-SP, Brasil. E-mail: [cecibm@puc-campinas.edu.br](mailto:cecibm@puc-campinas.edu.br)

atual vai entender que a questão de Deus se coloca no terreno concreto da experiência linguística onde nasceu. Além disso, é importante considerar para a relação entre a teologia e literatura que a teologia conta com uma noção “alargada” de razão, proporcionada ao seu “objeto”, o Mistério.

Própria da teologia, afirma Clodovis Boff em sua obra *Teoria do Método Teológico* (2015, p.81-85), são a racionalidade de “conveniência” ou “persuasiva” e a racionalidade “demonstrativa” ou “necessitante”. A primeira evidencia a harmonia entre a lógica divina e a humana. É a lógica que afirma a verdade pelo reconhecimento da beleza: “é bastante belo para ser verdadeiro”. É a lógica que se adequa às grandes questões humanas e supera a racionalidade silogística. A segunda diz respeito às questões relativas à natureza interna das verdades da fé. Faz uso de argumentos dedutivos. As asserções relativas à Revelação só podem ser objeto de argumentos de conveniência e as questões relativas à natureza interna das verdades de fé podem ser, mas não sempre, objetos de argumentos necessários, apodícticos ou demonstrativos. Isso quer dizer que a teologia é em primeiro lugar poética, louvor admirado na contemplação da presença e atuação do Mistério no mundo. No âmbito da epistemologia teológica a razão intuitiva precede a razão demonstrativa. A atenção à relação entre a teologia e a literatura que vem se desenvolvendo como um campo de estudos, faz ver a contribuição da literatura para o resgate da dimensão poética da teologia que foi obscurecida pela autocompreensão da teologia como ciência objetiva proposta pela neoescolástica em reação ao desafio do racionalismo moderno, hoje em fase de superação pela identificação da teologia como ciência hermenêutica. Essa trajetória da teologia fundamental foi muito bem sintetizada por Geffré (1969). O debate contemporâneo sobre o método situa a teologia no campo das ciências hermenêuticas, já que ela trabalha com textos, mas também porque interpreta a realidade, a presença do Mistério no texto concreto da história viva. Essa perspectiva epistemológica favorece o acolhimento da literatura como mediação.

Preocupado com a aceitação acrítica da obra literária ou com a apropriação utilitária da literatura para fins pedagógicos catequéticos, Kuschel propõe como método de aproximação entre teologia e literatura o *método da analogia estrutural* que visa constatar correspondências e diferenças de maneira dialética para chegar ao diálogo. Os três momentos da dialética proposta por Kuschel, inclui um olhar crítico que evite a identificação ingênua do discurso literário com a revelação divina, a idealização e a aceitação tensionada pela crítica da literatura como lugar de revelação. O terceiro momento de superação, é o do diálogo sério com a literatura que preserve a autonomia entre os campos, de forma que se chegue a uma correspondência sem que teologia perca sua referência à revelação divina, nem literatura perca sua característica de discurso humano situado no tempo e no espaço e, por isso, sujeito aos condicionamentos históricos.

Através de aproximação teopoética, propomos nessa comunicação, parte de uma pesquisa mais ampla, uma interpretação de parte da obra de Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004), poeta portuguesa de grande envergadura. Destacamos os poemas do livro *Poesia* de 1944, primeiro livro publicado por essa autora. Pretendemos demonstrar, através

de correspondência, que a poesia contemplativa dessa poeta, composta a partir de uma relação fundamentalmente corpórea com o universo, contém elementos místicos que se desdobram numa espiritualidade do cuidado com o mundo.

Em nossas pesquisas, temos percebido que os poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen, por apresentar traços místicos, permitem demonstrar que a poesia ajuda a captar a sacralidade da realidade e, promovendo a reverência, traz como consequência o compromisso com o cuidado do mundo. A escuta da poesia é, certamente, um exercício espiritual.

## 1 MÍSTICA E POESIA

Na leitura do encontro entre a tradição filosófica grega e o cristianismo, Maria Zambrano (2012), vai demonstrar que a poesia é mística. Depositária do amor, e sob a mediação da beleza, a poesia opera a ressurreição da carne, a sua transformação espiritual. Diferente do filósofo que visa a salvação da alma através da ascese racional, o poeta vive segundo a carne, dentro dela. Sente a angústia da carne, lamenta a realidade que escapa. (Posição 726) Chora diante da dor, do prazer e do amor, pois o amor, enquanto coisa da carne é dor, almeja a unidade, mas vive na dispersão. (Posição 726). O poeta sente a angústia da carne mas não procura aniquilá-la, é humilde e reverente com o que encontra diante de si, a vida e seus mistérios.

Entretanto, vivendo segundo a carne, dentro dela, o poeta entra no seu interior, fazendo-se dono de seus segredos e fazendo-a transparente, a espiritualiza (ZAMBRANO, 2012, posição 741). A poesia é a luta com a carne desde o pecado até a caridade. No âmbito do cristianismo que acolhe a dinâmica da ascese mística proposta por Platão para a divinização da alma, a poesia eleva o desejo da carne, ao amor:

Poesia é, sim, luta com a carne, trato e comércio com ela, que desde o pecado – “a loucura do corpo” – leva à caridade. Caridade, amor à carne própria e à alheia. Caridade que não pode resolver-se a romper os laços que unem o homem com todo o vivo, companheiro de origem e criação

Porque ao pecado da carne segue a graça da carne: a caridade. (ZAMBRANO, 2012, posição 748)<sup>2</sup>

Pecado e caridade não frutos do cristianismo, mas já estão indicados em diálogos de Platão. Querendo salvar o amor que nasce da carne, ele procura integrá-lo na dialética, propõe a ascese do amor através da beleza. Platão realiza a generalização do sensível:

O sensível era contrário e rebelde à unidade, unidade em que, uma vez encontrada, participam todas as coisas que antes vimos dispersas, cada uma vivendo por si. Pela beleza se conquistou a unidade. O

2 Os extratos da obra de Maria Zambrano são citados com tradução nossa.

mundo sensível encontrou sua salvação, mas mais todavia, o amor à beleza sensível, o amor nascido na dispersão da carne. (ZAMBRANO, 2012, posição 792)

Sob a mediação da beleza, a única essência que se oferece à vista, o amor nascido da obscuridade, do desejo da carne, alcança a luz. Da busca da essência da beleza a partir da contemplação da realidade material se ascende ao divino, imortal, eterno. O amor salvo pela beleza será o ímpeto irracional que leva ao divino. O amor, no contexto da perspectiva platônica acolhida pela reflexão cristã, será concebido como impulso místico que conduz ao Mistério. A beleza que arrebatada indica uma Presença, remete a uma realidade total e abrangente passível de ser percebida como princípio e fundamento de todas as coisas. A poesia que estava mergulhada na carne, convertida em contemplação pela beleza que arrebatada o olhar, salva o amor à materialidade do mundo através de uma ascense que implica o desprendimento. A poesia, afirma Zambrano, soube interpretar sua própria condenação, com mais força que o pensamento, soube tirar sua virtude de sua fraqueza, sua existência de sua contradição. Ao seu pecado seguiu-se a graça. (ZAMBRANO, 2012, posição 850).

A poesia no ocidente cristão pré-moderno que se abrigou sob a concepção platônica de amor, canta a unidade com o Mistério que o amor promove, e também, ao mesmo tempo, sofre a ausência do desejado porque a presença do amor que adquiriu caráter transcendente, não está disponível, é amor impossível. Esse olhar poético leva à percepção de que a diferença do desejo que pela posse aniquila o desejado, no amor subsiste o objeto, que em seu Mistério, é inalcançável, ao menos nessa vida finita. Entende que a unidade do amor precisa da morte para seu cumprimento. Isso quer dizer que o amor para se realizar deve desprender-se da vida e também converter-se para uma nova relação com o mundo na liberdade. Ao pecado da carne - o desejo de posse - se segue o amor incondicional, a caridade. Isso aparece claramente na poesia dos trovadores e também dos místicos. Como se vê, os traços essenciais distinguidos por Velasco em sua estruturação da experiência mística corresponde aos elementos apontados por Zambrano para estabelecer a relação entre poesia e mística: (1) é uma experiência subjetiva que afeta o humano como um todo e tem lugar no centro da pessoa; (2) é vivida de forma insuperavelmente obscura e sumamente certa; (3) é uma experiência passiva, recebida como dom; (4) tem caráter extático, supõe descentramento; (5) impõe uma forma específica de uso das faculdades: a razão não atua explicando, compreendendo, mas escutando e a vontade não intervém dominando, mas fazendo-se disponível e acolhendo; (5) impõe nesse sentido uma nova forma de ser que não se opera com base em possuir ou dominar, mas na disposição para entregar-se e acolher, é uma experiência que tem caráter oblativo. (VELASCO, 1994, p.79).

A contemplação poética, podemos inferir da reflexão de Maria Zambrano, é atividade de pousar os olhos sobre a realidade concreta e acolhê-la como é, penetrar em sua profundidade e enunciar a beleza do Mistério que está no fundamento de todas as coisas. A contemplação poética, pelo amor e reverência com que se relaciona com a vida concreta, porque lhe revela a beleza, inspira o cuidado.

O cuidado é uma categoria que qualifica as relações humanas mais fundamentais: a relação consigo mesmo, a relação com o outro, a relação com o mundo. Não é apenas ajudar, socorrer, assistir, é uma maneira de estar-no-mundo. À diferença do modo-de-ser trabalho, que é o modo-de-ser humano do mundo ordenado pela racionalidade, o modo-de-ser cuidado privilegia a corporeidade, leva a uma concepção da realidade como um todo orgânico, diverso e sempre incluyente, onde tudo encontra-se interligado numa rede de relações. Não vê a natureza como objeto, não estabelece com ela uma relação de dominação, mas uma relação de parceria. Ao contrário do modo-de-ser-trabalho fundado no distanciamento objetivo, o cuidado supõe proximidade, sintonia, acolhimento. Para Leonardo Boff (2005), o modo-de-ser cuidado, associado simbolicamente ao feminino, foi sufocado pela “ditadura do trabalho” imposta pela revolução industrial. Essa sensibilidade para o cuidado encontramos nos versos de Sophia, em sua poesia clara e ao mesmo tempo tocada pelo mistério, como avalia Eucanaã Ferraz, na apresentação da coletânea intitulada *Coral e outros poemas* (Posição 353-357). Sua escrita, afirma o poeta brasileiro, “não guarda fundos falsos nem avessos, nunca foi, no tempo, senão um desenrolar de si mesma, duração, cujo sentido são a coerência e a integridade” (posição 360). Já no primeiro livro, *Poesia*, publicado em 1944, estão presentes os grandes temas recolhidos do concreto da vida - o mar, o jardim, as mãos, a noite, luz - e também do seu grande amor pela Grécia... Sua poesia solar é feita de substantivos concretos. “Estão lá o ritmo inconfundível dos versos bem cortados e sua música compassada, como se, vagarosamente, a voz tocasse as coisas do mundo. Está lá a poeta que, atenta, vê e escuta o que está a sua volta, bem como seu gosto pela clareza e pela nitidez”, completa Eucanaã Ferraz (posição 372-377).

## 2 CONTEMPLAÇÃO POÉTICA E ESPIRITUALIDADE DO CUIDADO

O pressuposto de uma espiritualidade do cuidado<sup>3</sup> é a atitude reverente diante do mundo. A recuperação do assombro e veneração diante da harmonia e da beleza do universo que, apesar de todo o avanço científico, continua a ser Mistério. Antes que a consciência crítica em relação à crise ambiental se impusesse, as poesias de Sophia datadas de meados do século XX, já inspiravam a sensibilidade ecológica própria de uma espiritualidade do cuidado de acento místico. É notável em sua poesia a intimidade com a natureza, especialmente estreitada na relação com o mar e expressa no poema a seguir:

De todos os cantos do mundo/ Amo com um amor mais forte e mais profundo?  
 Aquela praia extasiada e nua,/ Onde me uni ao mar, ao vento e à lua.

Cheiro a terra as árvores e o vento/ Que a primavera enche de perfumes/  
 Mas neles só quero e só procuro/ A selvagem exaltação das

3 A espiritualidade do cuidado tem como referência a compreensão de cuidado que tem se desenvolvido na área da saúde em diálogo com a filosofia de Heidegger. No âmbito da teologia, destaca-se a obra de Leonardo Boff e a Carta Encíclica *Laudato Si* do Papa Francisco.

ondas/ Subindo para os astros como um grito puro. (ANDRESEN, 2015, p.65)

No poema, ela confessa seu amor à terra, mas é o mar que inspira a selvagem exaltação de um grito puro que sobe aos astros. Suas evocações poéticas têm caráter visual, seu olhar pousa sobre a terra e admira a eternidade das paisagens e extasia-se, reverente, com a imensidão do mar: “Planície infinita que ninguém habita” (ANDRESEN, 2015, p.95). Na poesia intitulada Atlântico, ela confessa: “Mar, metade de minha alma é feita de maresia” (ANDRESEN, 2015, p.64). A poesia de Sophia nasce da contemplação do mundo, do mar, do jardim, do luar. Na concretude do real, anuncia-se o Mistério inominável, “perfeição, pureza e harmonia” presente na profundidade do mundo:

Ir beber-te num navio de altos mastros/ No mar alto/ Ó grande noite  
 alucinada e pura/ Brilhante e escura, bordada de astros.

Para ti sobe a minha inquietação e sobressalto,/ O meu caos, desilusão e agonia,/ Pois trazes nos teus dedos/ A sombra, o silêncio e os segredos,/ A perfeição, a pureza e a harmonia. (ANDRESEN, 2015, p.77)

Do assombro e veneração em face do universo deriva uma espiritualidade que afirma Deus em forma de teologia negativa, aquele que cujo nome não pode ser manipulado, que está em tudo e não está em nada, que não pode ser nomeado, apenas intuído no olhar daqueles que Ele escolheu. O poema *Sinal de Ti* é um belo exemplo de uma teologia mística:

Não darei o Teu nome à minha sede/ De possuir os céus azuis sem fim,/ Nem à vertigem súbita em que morro/ Quando o vento da noite me atravessa.

(...)

### III

A presença dos céus não é a Tua,/ Embora o vento venha não sei donde.

Os oceanos não dizem que os criaste,/ Nem deixas o Teu rasto nos caminhos.

Só o olhar daqueles que escolheste/ Nos dá o Teu sinal entre os fantasmas.

(ANDRESEN, 2015, p.116-117)

Uma espiritualidade do cuidado é integradora, conduz à fonte. A partir do paradigma do cuidado, Leonardo Boff define a espiritualidade como caminho de encontro com o Espírito, em maiúscula, que é origem de toda a vida, explicitando que o espírito, em minúscula, que é a dimensão profunda do humano, busca o Espírito que é fonte originária de onde

brota e para onde se dirige toda a vida (BOFF, L., 2000, p.99). No poema *As fontes*, encontramos esse movimento de ascese poética amorosa que, sem desprezar da vida no mundo, num exercício de desprendimento, coloca em seu horizonte a plenitude como meta, busca o cumprimento de si no encontro com a Fonte que é o Real, horizonte vislumbrado “em cada hora e na face incompleta do amor”:

Um dia quebrarei todas as pontes/ Que ligam todo o meu ser, vivo e total,/ À agitação do mundo irreal,/ E calma subirei às fontes.

Irei até as fontes onde mora/ A plenitude, o límpido esplendor/ Que me foi prometido em cada hora,/ E na face incompleta do amor.

Irei beber a luz e o amanhecer/ Irei beber a voz dessa promessa/ Que às vezes como um voo me atravessa,/ E nela cumprirei todo o meu ser.

(ANDRESEN, 2015, p.106)

A espiritualidade integradora presente nos poemas inspira também uma prática. A poesia que contém a força do sonho, é o seu fazer com as mãos:

Apesar das ruínas e da morte,/ onde sempre acabou cada ilusão,/ A força dos meus sonhos é tão forte,/ Que de tudo renasce a exaltação/ E nunca as minhas mãos ficam vazias. (ANDRESEN, 2015, p.61)

Publicado em 1946, o livro *Poesia* que escolhemos destacar foi escrito durante a Segunda Guerra Mundial. Mesmo sem referência direta a guerra, comenta Eucanaã Ferraz, a ambivalência aparece nessa obra logo no primeiro verso do poema citado acima que é a abertura do livro.

Já se anuncia nesse livro a convicção de que a poesia tem uma vocação transformadora e que inspira a atuação política, uma ação simbolizada pelas mãos que nunca ficam vazias, pois sempre tem algo a oferecer na busca da harmonia que está na fonte do ser. Sophia teve participação ativa na oposição ao Estado Novo. Foi candidata pela oposição Democrática nas eleições legislativas de 1968. Foi sócia fundadora da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos. Após a Revolução de abril de 1974 foi candidata à Assembleia Constituinte pelo Partido Socialista em 1975.

Com o aprofundamento da experiência histórica, o acolhimento da crítica da razão na modernidade e também com o aprofundamento dos estudos bíblicos através dos novos métodos hermenêuticos, enfatizou-se a importância da ação. A reflexão teológica propõe a prática como elemento fundamental da metodologia teológica como demonstra Clodovis Boff (2015). O conhecimento teológico deve ser reflexão teórica metodologicamente controlada que visa responder às indagações do tempo à luz da fé na Revelação, em vista da salvação pelo amor. No horizonte da teologia está a ação transformadora em prol da instauração do Reino de Deus. Nesse contexto de atenção à realidade concreta e valorização da práxis, aflora

também o apreço pela dimensão ativa da espiritualidade. Para Metz (2013), a sensibilidade moderna consciente das contradições sociais, promove a emergência de uma “mística de olhos abertos”, crítica diante das contradições da realidade e confiante na força transformadora da fé.

A poesia de Sophia compartilha desse espírito, pois está apoiada numa espiritualidade de olhos abertos para a realidade concreta e crítica de suas contradições. O seu olhar contemplativo, profético em relação ao seu tempo, consegue ver a beleza do mistério no fundamento da realidade concreta. Mistério insondável que pede reverência. Traduzido em poema, a contemplação reclama que se devolva ao mundo a harmonia, inspira, podemos dizer, uma ética do cuidado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aproximação teopoética à poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen no seu primeiro livro *Poesia*, representam um aperitivo, mas já nos permitiram observar os traços místicos em sua obra. Sua poesia contemplativa, despojada e reverente, capta a dimensão transcendente na realidade concreta. O poema se apresenta como fruto do olhar que pousa sobre o real, e, penetrando em profundidade, descobre o Mistério Santo que é fundamento e destino de todas as coisas. Mistério inominável, que é vislumbrado, sem ser totalmente revelado no trabalho literário que tem como referência uma racionalidade ampla. A escuta dos poemas, é um verdadeiro exercício espiritual, pois, conduz à contemplação do Mistério na concretude da realidade e inspira uma espiritualidade que tem em seu horizonte o cuidado do mundo.

## REFERÊNCIAS

- ANDRESEN a, Sophia de Mello Breyner. *Obra poética*. Porto: Assírio & Alvin, 2015.
- ANDRESEN b, Sophia de Mello Breyner. *Coral e outros poemas*. Seleção e apresentação Eucanaã Feraz. São Paulo: Companhia da Letras, s/d. (Kindle Edition)
- BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- BOFF, L.. O cuidado essencial: princípio de um novo *ethos*. *Inclusão Social*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 28-35, out./mar., 2005.
- BOFF, Leonardo. *Depois de 500 anos, que Brasil queremos?*. São Petrópolis, Vozes, 2000, p. 99
- CANTARELA, A pesquisa em teopoética no Brasil: pesquisadores e produção bibliográfica. *Revista Horizonte* v.12, n.36 de out/dez de 2014, p. 1228-1251
- ECKHART, Meister. *Sermões alemães: sermões de 61 a 105*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2008.
- GEFFRÉ, Claude. A história recente da Teologia Fundamental, tentativa de interpretação. *Concilium* 6 (junho de 1969) 7-26.

GESCHÉ, Adolphe. *Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.

KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e as escrituras*. Retratos teológico-literários. São Paulo: Loyola, 1999.

MCGINN, Bernard. *As fundações da mística: das origens ao século V*; tomo I. São Paulo: Paulus, 2012.

METZ, Johann B. *Mística de olhos abertos*. São Paulo: Paulus, 2013.

TILLICH, Paul. *Textos selecionados*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

VELASCO, Juan Martins (Org.). *La experiência mística: estudio interdisciplinar*. Madrid: Ed. Trotta, 2004

ZAMBRANO, Maria. *Filosofia y Poesia*. México: Fondo de Cultura Económica, 2012. (Kindle Edition)